

ENSINO DE LIBRAS PARA CRIANÇAS OUVINTES: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS DAS SÉRIES INICIAIS?

VALENTINE COSTA SINNOTT¹; JESSICA BARBOSA BEDERODE²; GABRIELE POSSAPP TAVARES OLIVEIRA³; LÍVIA SILVA BALBUENA⁴; ROGERS ROCHA⁵;

DANIEL DUARTE SILVEIRA⁶:

¹Universidade Federal de Pelotas – esinott@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gto.tavares@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – jessizinha.beca@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – liviaslvbalbuena@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – rogers.rocha@ufpel.edu.br

⁶Universidade Federal de Pelotas – daniel.silveira@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), oferece bolsas a alunos e professores dos cursos de licenciatura com objetivo de incentivar o aperfeiçoamento dos futuros docentes e contribuir para a melhoria na educação pública brasileira. Dentre os objetivos do PIBID está o enriquecimento da formação teórico-prática dos discentes, pois é possível ver, na prática, o funcionamento de uma sala de aula com alunos diversos, conectar os aprendizados vistos na faculdade com o dia a dia de uma escola pública, em que, em sua maioria, acabam apresentando dificuldades em alguns aspectos, como infraestrutura e falta de professores. No que tange a formação de professores para o ensino de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) o curso de Letras Libras Literatura Surda/Licenciatura (LLLS) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) concentra-se tanto no ensino da língua quanto na Literatura Surda. Seu objetivo é formar professores aptos a atuar na Educação Básica, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, lecionando Libras e Literatura Surda. Vale destacar que o LLLS é o primeiro curso, a nível nacional, a formar professores para o ensino de Literatura Surda, enquanto outros cursos de Letras Libras no Brasil, formam apenas professores de Libras (Santos; Pereira; Farias, 2025).

Desejando entender o contexto das práticas desenvolvidas no PIBID voltadas ao ensino de Libras para alunos das séries iniciais, na cidade de Pelotas, buscamos informações no Censo da Educação Nacional para ilustrar a realidade local. No ano de 2024, em Pelotas, havia 20.693 alunos matriculados nas séries iniciais do Ensino Fundamental (INEP, 2024), sendo parte destes alunos matriculados no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEEAB). No IEEAB são ofertadas 9 turmas de séries iniciais do Ensino Fundamental, sendo 4 turmas no turno da manhã e 5 no turno da tarde, classes nas quais são realizadas oficinas de Libras pelo grupo de Pibidianos. As oficinas de Libras têm o objetivo de conscientizar e ensinar os alunos do Fundamental I, sobre o que é a Língua Brasileira de Sinais, bem como o que é a pessoa surda e a surdez. De modo que eles aprendam o básico da Libras, para que quando encontrarem uma pessoa surda, consigam conversar utilizando a língua de sinais (Rodrigues; Leite, 2021). As ações realizadas na oficina de Libras estão direcionadas aos pressupostos de que o ensino de Libras como segunda língua aos alunos ouvintes contribui para inclusão social das pessoas surdas na sociedade (Tondinelli, 2016). Assim, após a

realização das oficinas entrevistou-se as professoras responsáveis pelas turmas para conhecer o perfil das docentes e conhecer a perspectiva delas sobre as ações desenvolvidas.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

No desenvolvimento deste trabalho foi realizado um questionário/entrevista com 5 professoras com o objetivo de conhecer suas trajetórias como docentes e saber os impactos do trabalho desenvolvido através das oficinas de Libras. O questionário/entrevista contém 10 perguntas ao total, 5 com relação a professora e 5 com relação às oficinas ministradas em suas turmas. As participantes tiveram a liberdade para escolher como gostariam de responder, de forma escrita ou falada em uma gravação de áudio.

Durante o processo de organização dos dados, tendo o objetivo de preservar o anonimato das participantes da pesquisa, optou-se por identificá-las a partir do nome de pedras preciosas, sendo: Ametista, Esmeralda, Jade, Pérola e Rubi. Ao observarmos o tempo de experiência das docentes, percebemos que há uma média de 25 anos de atuação na educação. Há uma divisão quanto a formação, Ametista, Esmeralda e Pérola são formadas em pedagogia, enquanto Jade e Rubi fizeram apenas o magistério para atuar como professoras, sem ter outra formação no âmbito da educação. Além de apenas a Pérola ter feito uma pós-graduação. Dentre as cinco professoras entrevistadas, apenas duas tiveram a oportunidade de estudar Libras durante sua formação. Essas respostas mostram como ainda existe uma lacuna no momento de preparar os profissionais na área da Educação. Observamos que as respostas positivas foram das professoras que tiveram sua formação para além da pedagogia, ainda que Ametista tenha feito especialização em educação especial e inclusiva, não teve contato com a Libras em nenhum momento. Cabe destacar que a Língua Brasileira de Sinais teve seu reconhecimento apenas no ano de 2002, com a Lei nº 10.436 e foi regulamentada no ano de 2005 pelo Decreto nº 5.626. Assim, atualmente, todos os cursos de Licenciatura possuem a obrigatoriedade do estudo de Libras durante o período de formação. No contexto de trabalho das participantes da pesquisa percebemos que as formações continuadas ofertadas pela secretaria de ensino não se ocuparam em complementar essa lacuna na formação docente. Todas as entrevistadas estão trabalhando no Assis Brasil a pelo menos metade de seu tempo total de atuação como docentes.

Tratando sobre o contato com alunos surdos, somente Esmeralda, Pérola e Rubi anteriormente às oficinas, tiveram contato com a Libras de algum modo, Rubi acrescentou ter sido quando estava na faculdade. Pérola teve o primeiro contato com a língua já estando em atuação como professora na escola Assis Brasil há onze anos, foi onde percebeu a falta de comunicação com os alunos surdos do noturno. Porém, Ametista e Jade, nunca tiveram contato antes da realização das oficinas em suas respectivas turmas. É possível observar que essas duas respostas negativas foram justamente das professoras com mais tempo de atuação, sendo a Jade com 40 anos de experiência na docência. Isso mostra a grande falta de visibilidade da língua de sinais ao longo da formação de professores.

Além disso, todas as docentes relatam não ter experiência no ensino de alunos surdos. Como são professoras do Ensino Fundamental I, tal resposta pode estar ligada ao fato de os alunos surdos dessa etapa de ensino serem direcionados a estudar na Escola Bilíngue Professor Alfredo Dub.

Ao relatarem sobre a experiência das oficinas, todas as professoras demonstraram gostar das oficinas, contudo, Pérola falou sobre a importância de retomar o conteúdo da oficina anterior, antes de começar uma nova. Dessa forma, os alunos conseguem entender tanto o que foi visto na aula passada, quanto o que será passado na nova oficina. Todas relataram que os alunos gostaram dos encontros e falam sobre o que foi visto em outros momentos. Ametista conta que retoma alguns sinais com eles em outras aulas, enquanto Pérola diz que não fala sobre o assunto após o término das oficinas.

Todas as respostas confirmam que os alunos tentaram, pelo menos em algum momento, reproduzir os sinais aprendidos nos encontros. Para além do dia das oficinas, as professoras comentaram sobre a libras com os alunos em outras aulas. Foi falado sobre os sinais aprendidos, a importância da língua e a comunicação com os surdos, além de também conectar o assunto sobre um dos encontros, com o tema de saudações, aproveitando para falar sobre a importância de ser educado com o próximo.

Contudo, as professoras não se sentem preparadas para usar a Libras em outros momentos. Sentiram-se inseguras, pois durante todos os anos de ensino na escola não foi ofertado o estudo de Libras. Não conseguem dominar a língua, e isso demonstra para a escola que é necessário ter o acesso à inclusão, tanto para os alunos como para os professores e funcionários desde cedo. Os alunos estimulam as professoras, apresentando sinais novos que aprenderam durante as oficinas, porém, algumas relatam que ainda não tiveram a oportunidade de colocar em prática o que foi ensinado em uma comunicação com pessoas surdas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o relato das professoras participantes, é possível perceber que o ensino de Libras para crianças ouvintes nas séries iniciais é relevante e uma ótima ferramenta para ajudar na inclusão e conscientização sobre as pessoas surdas. Segundo as docentes, os alunos demonstraram interesse durante as oficinas, além de comentarem sobre o assunto em outras aulas com os colegas ou professoras. Promovendo momentos significativos para o aprendizado, mesmo diante de algumas limitações por parte das docentes, com relação à insegurança sobre o uso da língua.

O relato das docentes evidencia a lacuna existente durante a formação dos profissionais na área da educação quanto ao ensino de Libras, deixando claro a necessidade de políticas públicas com o foco em garantir a acessibilidade e informação adequadas através de formações continuadas. Dessa forma, percebemos que as oficinas ministradas nas turmas das 5 professoras são, de fato, significativas para atrair o olhar para uma língua minoritária e a importância da inclusão de pessoas surdas em todos os ambientes.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o art. 18 da Lei nº10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: 2005. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 02 jul. 2025.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 12 jul. 2025.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2024. Brasília: Inep, 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-basica>>. Acesso em: 22 jul. 2025

RODRIGUES, Yanna Luiza Do Nascimento; LEITE, Maria Clerya Alvino. A inserção do ensino de Libras como L2 nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola municipal de Lagoa de Dentro-PB. **Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/5656>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SANTOS, Angela Nediane dos; PEREIRA, Karina Ávila; FARIAS, Michel Carret. Curso de Licenciatura em Letras Libras/Literatura Surda da UFPEL: Visibilidade, Inclusão e Desafios A. *In*: ESTUDOS SURDOS NO PAMPA. Rio de Janeiro: Pod Editora, 2025. p. 63–75.

TONDINELLI, M. O. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: Produções didático- pedagógicas. noções básicas de Libras para alunos ouvintes. Curitiba: UENO, 2016. (Cadernos PDE, v. 2).